

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Prefácio	9
Introdução.....	15

LIVRO I

1. <i>O Juramento de Hipócrates</i>	25
2. A tradição hipocrática	35
3. Chave interpretativa do <i>Juramento de Hipócrates</i>	43
4. Invocação de atitudes e princípios por meio da mitologia	49
5. Mestres e aprendizes	59
6. Bom corporativismo e “machismo” grego	63
7. Espírito fraterno para com os responsáveis	69
8. Princípios cardinais.....	73
9. Eutanásia, suicídio assistido e defesa da vida	85
10. Aborto e defesa da vida.....	89
11. Ética de virtudes	93
12. Consciência de si	99
13. Benevolência médica	103
14. Medicina, costumes e sociedade.....	105
15. Dignidade humana.....	107
16. Confiabilidade e sigilo	113

<i>A tradição da medicina</i>	5
-------------------------------------	---

Sumário

17. Compromisso, bênção e maldição	117
18. Questão da autonomia.....	121
19. Robert Veatch e sua metralhadora furiosa.....	127
20. Conclusão	137

LIVRO II

1. Formação virtuosa do médico	141
2. Comunidade moral do médico.....	147
3. Confiabilidade.....	151
4. Compaixão	157
5. Prudência.....	161
6. Justiça.....	163
7. Fortitude	167
8. Temperança	171
9. Integridade e dignidade médica	173

LIVRO III

1. Seminário de Filosofia Aplicada à Medicina (SEFAM)	179
2. Falta de formação humanística.....	183
3. Os quatro discursos aristotélicos na medicina	187
4. Capacitação discursiva.....	195
5. Estrutura do SEFAM.....	199
Posfácio.....	203
Bibliografia	207

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à minha família por este livro. A presença e o suporte constante de minha esposa Jovana — que sempre apoia meu trabalho e partilha dos mesmos ideais — e seu carinho ao lado dos pequenos Arthur e Heitor lembram-me de que há sempre algo pelo que lutar, lembram-me de que a necessidade de jamais deixar tudo se perder em meio ao caos da atualidade é urgente, e que o futuro de nossos queridos filhos e amigos pode ser mais palatável que nosso presente cheio de mazelas de espírito e mente.

Agradeço também às cartas e comentários recebidos de amigos, próximos ou distantes, que muito honram meu trabalho. Menciono em especial o colega doutor João Carlos Nepomuceno Gonçalves pela leitura crítica e pelos conselhos.

Lembro da motivação recebida de excelentes amigos que comigo caminham em busca de uma reflexão filosófica e trabalham no resgate cultural de nosso país: Gustavo Carneiro de Mendonça, Guilherme Carneiro de Mendonça, Leandro Mello Ferreira, Thiago Aurich e professor Leonardo Serafini Penitente.

Com a publicação do primeiro livro também conheci novos amigos, como o professor Eduardo Cabette, e recebi lições e correções valiosíssimas, como as inúmeras feitas pelo professor Ricardo da Costa, amigo, mestre e grande medievalista. Sem dúvida nenhuma isso me deu disposição para arriscar esta segunda obra de caráter mais propositivo.

E agradeço a confiança depositada em mim pela reitoria (reitor Pergentino de Vasconcelos Júnior e vice-reitora Maria José Rossi de Vasconcellos) e pelas diretorias (diretor acadêmico Neacil Broseghini e diretor administrativo Fabiano Chiepe) do Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), que abriga o Seminário de Filosofia Aplicada à Medicina (SEFAM) e estimula as atividades acadêmicas desenvolvidas desde fevereiro de 2012 com empolgação e fé no melhor resultado possível: ver a formação do caráter e do intelecto de nossos jovens alunos acontecer. O SEFAM nasceu no CAMPUS I do UNESC, em Colatina, e essas raízes jamais poderão ser apagadas. Espero que a árvore dê frutos valiosos para nosso país, e já tenho bons resultados.

Peço desculpas se deixo de citar nomes, pois muitos colaboraram de forma direta ou indireta, e sei com certeza que fui injusto em não os citar. Todos contam com minha gratidão e amizade, e peço que saibam que o apoio dado não tem preço!

PREFÁCIO

Foi com enorme surpresa e satisfação que recebi o convite do amigo Hélio Angotti Neto para prefaciar sua mais recente obra, *A tradição da medicina*. O destacado autor, ainda teve a humildade de considerar a hipótese de que eu não aceitasse o convite devido a meus afazeres. No entanto, por mais ocupações que pudesse ter, jamais me seria permitido, em face da admiração e respeito nutridos pelo amigo Hélio, negar essa nobre e honrosa incumbência. Minha única preocupação é poder me desincumbir de tão valiosa missão com um mínimo de qualidade na elaboração deste prefácio em proporcionalidade à grandiosidade da obra e de seu autor.

Como é característico do autor, o trabalho ora apresentado segue o caminho da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, não permitindo a tecnização nem a tentação do cientificismo materialista que facilita os raciocínios na mesma proporção que os avilta e empobrece. Na verdade, o verbo “empobrecer” nesse contexto é até uma espécie de eufemismo. Hélio Angotti Neto segue a trilha de uns poucos que vão surgindo na contemporaneidade a expor, contra o *status quo* reducionista, a *miséria* imposta às mentes e aos corações de muitas gerações pelo materialismo cientificista, determinismo, mecanicismo e relativismo. O estrago produ-

zido e a *miséria* cultural conducente à barbárie são imensos e ganham ainda maiores proporções em países periféricos como o Brasil, rodeados por ideologias marcadas pelo policiamento do “politicamente correto”, que contamina e embo-ta as pessoas comuns e os chamados “intelectuais”.

Já dizia o poeta lusitano Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. No entanto, quando a “alma é pequena”, ou se apequenou mediante um processo de embotamento e ideologização contínuos, surgem barbaridades como, por exemplo, a confusão entre “tradição” e “reconhecimento de dados valiosos do passado” com reacionarismo ou atraso!

Foi essa melancólica confusão muito presente no ideário do pseudointelectualismo vigente e incrivelmente dominante, que, conforme verá o leitor, inspiraram Hélio a desenvolver sua pesquisa e nos brindar com este esclarecedor trabalho. Efetivamente uma “luz” em meio a tantas trevas de ignorância travestidas de academicismo.

O autor não se conformou diante das vozes que insistem em apresentar o *Juramento de Hipócrates* como algo ultrapassado e até mesmo inadequado ao atual estágio da medicina e da ciência em geral. Demonstrou com cristalinidade que nada além da profunda ignorância a respeito do significado da tradição hipocrática e do que ela guarda de essencial para o bom desempenho da atividade médica ética leva a essa espécie de pensamento. A leitura meramente literal do texto, sem contextualização e sem atualização é a marca espúria dos que pretendem relevar o “juramento de Hipócrates” a uma simples notícia histórica, quiçá até mesmo cômica para os dias atuais. Rir e desprezar uma tradição ética milenar, sem ser capaz de minimamente compreender seu significado

e sua atualidade como guia moral, é prova cabal da tolice de justificar a expressão popular que chama os que se comprazem de sua indigência intelectual de “bobos alegres”.

Hélio Angotti Neto erige uma densa crítica ao relativismo moral imperante que contamina até a arte médica (nesse contexto, ainda pode ser chamada arte?) e demonstra com mestria impecável a urgente necessidade de recuperação dos três grandes pilares culturais (ou raízes) do Ocidente: a moral e a religião judaico-cristã, a filosofia grega e o Direito romano. Obviamente não se trata de transplantar para o presente um passado longínquo sem as devidas atualizações, como pretendirão todos os que apresentarão as objeções já esperadas do rótulo “reacionário” que recebe quem pretende apontar para a evidente decadência derivada da corrosão desses sustentáculos da cultura ocidental. Mas não se trata de ser reacionário, ou seja, pretender o retorno ingênuo ao passado ou à “Idade de Ouro”, nem de ser revolucionário, que é, na verdade, o reacionarismo com vetor contrário, ou seja, sonhar e idealizar um futuro glorioso, uma vindoura “Idade de Ouro”. Trata-se, sim, do conservadorismo equilibrado e são, que reconhece que o presente e o futuro não se sustentam sem o conhecimento e o reconhecimento de saberes e lições imorredouras, tradicionais, que passaram pelo teste do tempo. A verdade é: o povo que perde seus laços vitais com o passado, acaba por se extinguir, se não em sentido físico, ao menos culturalmente, recaindo na barbárie. A própria capacidade de criação, de inovação deve estar ligada a um passado rico, sob pena de apenas desconstruir sem construir nada relevante ou precioso.

Assim o autor demonstra a presença de um perigo a ameaçar a medicina e a sociedade em geral: a contaminação

pelo pensamento rasteiro, pelas palavras de ordem impensadas, pelo “politicamente correto”; enfim, pela superficialidade inerente à falta de cultura e responsabilidade intelectual.

Sua opção pela medicina submissa à tradição de milênios de sabedoria ética nada mais é, conforme se verifica no correr do trabalho, que a opção pela “ética baseada em virtudes” — a única via ética que conduz, ao menos, à busca do bom e do bem. Tudo o mais são convenções vazias de conteúdo, utilitarismos casuísticos e acomodação moral à lei do menor esforço.

Só o fato da motivação descrita pelo autor para o desenvolvimento desse árduo trabalho e sua disposição ao público já demonstram a coerência entre sua vida prática, suas atitudes e seu discurso intelectual e moral — coisa rara nos tempos em que vivemos. Também segue a mesma senda a iniciativa do SEFAM, a expor a vida dedicada à formação ética virtuosa do médico contemporâneo.

Este livro esclarece de forma exemplar a ligação indelével entre medicina e moral. Trata-se de reconhecer que a arte médica não pode jamais se reduzir à técnica e que o bom médico não é apenas o que domina os conhecimentos científicos e técnicos, mas o conhecedor e praticante da arte do bom e do justo. Em uma das últimas passagens da obra, Angotti assim se manifesta, proporcionando como que um resumo da mensagem que pretende difundir:

O que o médico deve fazer diante de tudo o que foi exposto? O primeiro passo é praticar a boa medicina. Amar o paciente, ser caridoso, ter compaixão. O segundo passo é estudar profundamente, não só para tratar o paciente de forma técnica, mas também para se tornar um grande hu-

manista. É necessário estudar medicina, filosofia, história, ciências sociais em geral e muito mais. Na concepção do grande médico humanista José de Letamendi e Manjarrés: “*O médico que só sabe medicina, nem medicina sabe*”. Essa frase de Letamendi precisa ser apreendida pela classe médica.

A passagem acima é lapidar e, para os que já tiveram a oportunidade de ler outro trabalho de excelência de Hélio Angotti Neto, *A morte da medicina*, revela sua coerência intelectual e a continuidade em que o autor vai desenvolvendo sua linha de pensamento rica e bela. Aproveito, portanto, a oportunidade, para aconselhar o leitor que agora tem em mãos este precioso volume, a também ler o livro *A morte da medicina*, pois ela lhe conferirá uma visão ainda mais ampla do robusto pensamento do autor em destaque.

O conteúdo da obra é imprescindível a médicos e leigos que pretendam compreender a ética que deve informar a conduta dos profissionais de saúde, digo “profissionais de saúde”, porque os assuntos tratados não se resumem à conduta médica, mas podem ser ampliados a todos os que labutam com a arte de *cuidar* do homem em sua saúde e doença. Não obstante, o que mais se deve destacar, tanto nesta obra, como em outras do mesmo autor — da qual é exemplo o livro *A morte da medicina* — e em suas variadas iniciativas — como, por exemplo, o SEFAM — é a capacidade de não se render aos modismos, à sedução do reconhecimento fácil nos meios acadêmicos marcados pela relação entre iguais que se apoiam uns aos outros em um pensamento quase unificado. Não, Hélio Angotti Neto é um desses cada vez mais raros indivíduos capazes de superar a tentação demoníaca de pretender agradar a todos, estar sempre bem nas rodas, dizendo o que é esperado por dada comunidade, sem ter a coragem

de defender a verdade contra a corrente, sem medo de ficar até mesmo sozinho ou isolado por ser fiel às suas convicções e princípios. Hélio não paga o preço da submissão para ganhar espaço acadêmico ou profissional ou apenas para obter a comodidade de não ter inimigos ou críticos ou mesmo não sofrer perseguições ou marginalizações. Ele se mantém firme no seu saber, não se rende à força da quantidade e prima pela qualidade, não se acomoda ao *status quo* em busca de espaço ou elogios. Enfim, não se rende à corrente e carrega consigo o peso da fidelidade à verdade de forma resoluto.

Penso que já me alonguei por demais, privando o leitor do contato com o trabalho do amigo Hélio Angotti Neto. Deixo, portanto, o leitor em excelentes mãos. Aproveite as lições e absorva os conhecimentos e orientações capazes de impedir sua submersão nas inculturas que marcam a suposta intelectualidade contemporânea.

— **EDUARDO LUIZ SANTOS CABETTE**
Autor, *Aborto legal e direito de não ser pai*